



Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão

Helcio HERBERT NETO¹

Resumo:

Toque de Bola foi uma mesa redonda sobre esportes transmitida durante a década de 1980 pela TV Manchete, no Brasil. Foi, portanto, contemporâneo à Assembleia Constituinte brasileira, que aprovou o texto para a nova Carta Magna. Esse tipo de programa deve ser analisado como um gênero televisivo mantido com comentários esportivos. Este artigo tem como objetivo compreender como as discussões sobre a Constituição atravessaram os debates televisionados. São examinados o comportamento dos participantes, seus comentários e a dimensão visual da edição do dia 3 de setembro de 1988 do programa.

Palavras-chave: *Toque de Bola*; Constituição Cidadã; mesas redondas esportivas; gênero televisivo.

Toque de Bola and Citizen Constitution: a debate about the Brazilian Football Championship of 1988 at the sports panel television genre

Abstract:

Toque de Bola was a TV sports panel broadcast during the 1980s by TV Manchete in Brazil. It was, therefore, contemporary with the Brazilian Constituent Assembly, which approved the text for the new Constitution. This type of program should be analyzed as a television genre maintained with sports comments. This article aims to understand how discussions about the Constitution got through the televised debates. Participants' behavior, comments, and the visual dimension in the September 3rd of 1988 episode are under investigation.

Keywords: *Toque de Bola*; Citizen Constitution; TV sports panel; television genre.

Toque de Bola y Constitución Ciudadana: una discusión sobre el Campeonato Brasileño de 1988 en el género de televisión de los programas deportivos de debate

Resumen:

Toque de Bola fue un programa de debate deportivo transmitido durante la década de 1980 por TV Manchete en Brasil. Así, fue contemporáneo a la Asamblea Constituyente brasileña, que aprobó el texto de la nueva Carta Magna. Este tipo de programas debe analizarse como un género televisivo mantenido con el comentario deportivo. Este *paper* tiene como objetivo comprender cómo las discusiones sobre la Constitución cruzaron los debates televisados. Se examinan el comportamiento de los participantes, los comentarios y la dimensión visual de la edición del programa del 3 de septiembre de 1988.

Palabras clave: *Toque de Bola*; Constitución Ciudadana; programas deportivos de debate; género de televisión.

¹ Formado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF). Cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada na UFRJ (PPGHC-UFRJ). É ainda pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ. *E-mail:* helcio.neto00@gmail.com.





Introdução

Acabamos de ver o término do trabalho se reformulando na sociedade brasileira através de uma Constituinte. Acabando com as imposições, acabando com tudo aquilo que pressionava. E, de repente, vem o futebol, que é a coisa mais popular nossa, com essas pressões (Paulo Stein, no programa *Toque de Bola*)²

O apresentador Paulo Stein era o responsável por mediar os debates na mesa redonda esportiva *Toque de Bola*, exibida pela TV Manchete na década de 1980. O programa discutia os principais acontecimentos esportivos, mas o comentário do âncora deixa evidente que há também atravessamentos políticos, como a relação estabelecida entre o momento do futebol e a Assembleia Constituinte. Conhecida como Constituição Cidadã, a Carta Magna foi o marco para que o Brasil superasse aspectos autoritários da recém-encerrada Ditadura Militar (1964-1985), abriu caminho para eleições diretas para presidente República e inaugurou um novo momento para o país. Na edição de 3 de setembro de 1988, o programa discutiu a organização do Campeonato Brasileiro, mas se deparou com a situação política nacional.

O propósito deste trabalho é identificar quais foram os pontos de contato entre as discussões sobre esportes e esse período político, a partir de *Toque de Bola*. O programa integra o gênero televisivo das mesas redondas esportivas. Os comentários esportivos sustentam esses debates televisionados, que surgiram nas grades de programação desde os primeiros anos da TV no Brasil, na década de 1950. A dimensão visual contribuiu, ao longo dos anos, para que o gênero se consolidasse como um espaço privilegiado para o debate no país. O foco principal costumava ser o futebol masculino. No entanto, os participantes não se detiveram ao tema, o que configurou um espaço para discutir a vida social brasileira de maneira mais ampla.

Isso não significa dizer que os programas eram democráticos em sua plenitude, uma vez que a escolha dos participantes e suas falas também eram submetidas a decisões editoriais das produções dos canais. Devido ao longo período autoritário com que o Brasil conviveu desde o advento da televisão e à concentração do controle das emissoras em grupos, muitas vezes familiares, excessivamente restritos, os debates sobre nuances culturais, políticas e sociais

² Trecho da fala de Paulo Stein, na mesa redonda *Toque de Bola* (1988b), da TV Manchete.



transbordaram para o gênero televisivo (SILVA NETO, 2019). A complexidade dos programas, entretanto, não se reflete nas pesquisas acadêmicas: são escassos os trabalhos sobre o tema.

Um dos motivos para isso é a dificuldade para ter acesso aos arquivos dos canais de televisão. Com a falta de políticas públicas abrangentes para a manutenção dos acervos, o material é, em geral, de responsabilidade das empresas. O tempo fez com que muito fosse perdido. Uma possibilidade para os pesquisadores é recorrer ao conteúdo distribuído na internet por redes de fãs e telespectadores. Embora fragmentárias, essas iniciativas expandem as perspectivas de estudos do campo, principalmente sobre gêneros populares. É a essa alternativa que este artigo recorreu. Outros esforços semelhantes caminham no mesmo sentido, como a investigação sobre a cobertura do desempenho de Neymar na Copa do Mundo de 2018 (SILVA NETO, 2020a). Um olhar rigoroso é necessário, uma vez que as fontes audiovisuais têm características próprias. No campo esportivo, o calendário das modalidades ajuda a situar no tempo e confirmar a validade histórica dos registros televisivos. Pesquisar em publicações da imprensa, conforme propõe Luca (2005), auxilia na missão de estipular parâmetros temporais. Jornais e revistas monitoravam a programação televisiva e podem, assim, contribuir para o exame dos programas.

O trabalho é subdividido em três seções a partir desta introdução. A seguir, é feita uma discussão conceitual a respeito das mesas redondas esportivas. Os elementos que motivam a opção pela abordagem sobre gêneros televisivos e aprofundamentos acerca da noção de comentário esportivo serão expostos. Depois, é traçada uma sucinta trajetória do gênero na televisão brasileira, com a finalidade de contextualizar *Toque de Bola*. A seção seguinte constitui a análise da edição de 3 de setembro de 1988 do programa. A ênfase se volta para os comentaristas, embora a dimensão visual seja relevante. São apresentadas, por último, as considerações finais.

Mesas redondas na TV: gênero, comentário e partidarismo

As mesas redondas esportivas se apresentaram, desde os primeiros anos da TV no país, sob diversas configurações. Habitualmente, os participantes são dispostos em torno de uma bancada em formato de semicírculo – daí o nome pelo qual os programas ficaram conhecidos. Em alguns casos, são recebidos convidados. Houve também, ao longo da história, participações

artísticas, com números musicais e até teatrais (SILVA NETO, 2019). Os tipos de assuntos a serem abordados sofreram diversas transformações, por conta das mudanças tecnológicas no audiovisual e das alterações no calendário esportivo brasileiro. Perante as variações, é imprescindível buscar um enquadramento que dimensione tamanha volatilidade (SILVA NETO, 2020b).

É, por isso, adotada a perspectiva para gêneros televisivos proposta por Mittel (2004). O autor elabora esse conceito para dar conta das transformações a partir da definição, da interpretação e da avaliação do público, das produções e da imprensa. Quando propõe essa visada, o pesquisador elabora um olhar histórico que não busca um método essencialista. A proposta se insere em uma linhagem de estudos que procuram uma visão mais dinâmica ante a história (SILVA NETO, 2020b). Para tal investigação, é necessário considerar os gêneros televisivos como categorias culturais, dada a ampla circulação dos programas na cultura popular (MITTEL, 2004). As discussões no gênero das mesas redondas esportivas são sustentadas pelo comentário (SILVA NETO, 2018). Essa prática não é uma exclusividade da programação televisiva brasileira (HOLLANDA, 2013).

Há, inclusive, exemplos da atuação de comentaristas nas emissoras de rádio no Brasil (GUIMARÃES, 2018). Pesquisas no exterior acompanham a utilização dessa prática em programas de TV de outras áreas, como cultura e política (BRO, 2012). No caso do gênero observado, os debates são suscitados nas interações entre os comentaristas pelos atos de comentar e contra-argumentar. A bibliografia estrangeira também indica que o comentário esportivo compõe o amplo cenário da cobertura sobre esportes na imprensa, embora seja complicado enquadrá-lo nos paradigmas do jornalismo profissional (BOYLE, 2006, p. 74). Convivem, nesses programas, comentaristas que não construíram carreiras em veículos de comunicação, mas como atletas. No entanto, estão presentes, na rotina dos integrantes desses programas, aspectos que possibilitam um diálogo com a política.

Whannel (1995) nota que esses comentaristas convivem com a prerrogativa de tomar partido diante das partes envolvidas nos jogos analisados. Ou seja, não é necessário reforçar uma postura neutra ao longo das análises. Por conta disso, o pesquisador utiliza o termo partidarismo. A relação tensa que a prática de comentar estabelece com o campo jornalístico é destacada por McCargo (2012), outro autor que trabalha com o conceito de partidarismo. O

pesquisador sinaliza que existem vinculações nítidas com a política por parte dos comentaristas na Ásia. Em contrapartida, Eco (1984b) enxerga no comentário esportivo uma variação da discussão partidária. A partir da noção de falação esportiva, o autor italiano encontra semelhanças com as contendas no nível político, apesar de a prática ser mais esmaecida, uma vez que nesses comentários “se exercitam e se neutralizam as energias intelectuais; as energias físicas não estão mais em jogo” (ECO, 1984a, p. 224).

A prática do comentário esportivo na televisão esteve em constante mutação. O processo foi paulatino, uma vez que a TV, como *media*, só conseguiu efetivamente fazer parte do cotidiano do país bem depois da década de 1950. Para compreender como os comentários esportivos em *Toque de Bola* foram atravessados por questões políticas, é imprescindível observar o seu contexto. A década de 1980 é um instante do futebol na realidade brasileira posterior à formação de um campeonato de abrangência mais ampla, quando eclode uma disputa entre as dimensões estaduais, marcadas por rivalidades regionais, e a nacional, de escala geográfica maior (SILVA NETO, 2019). Ainda fortes, os torneios estaduais passavam então a conviver com o Campeonato Brasileiro (HELAL, 1997).

Apenas no período em que o Estado estava sob o autoritarismo dos generais o país conseguiu formar uma competição nacional estável, apesar de tentativas anteriores, sempre malsucedidas. Para tanto, a influência da cúpula militar no poder e da imprensa foi decisiva (SANTOS, D., 2012). Nomeações para os principais cargos esportivos atendiam a interesses eleitorais para a manutenção da ditadura. Sob o argumento de interiorização da modalidade, o regime de exceção expandiu as influências da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que sustentava o governo, mas que àquela altura não conseguia bons resultados nas eleições. Para continuar no poder, a Arena pleitearia vagas na elite do futebol para clubes de regiões em que a modalidade poderia ser usada como estratégia para angariar votos. Essa é a origem da expressão: “onde a Arena vai mal, um time no Nacional” (SANTOS, D., 2012, p. 113).

A competição nacional, criada em 1971, seria apelidada posteriormente de Brasileirão. É possível afirmar que houve disputas no calendário, quando são observadas as datas de início e término das edições do Estadual fluminense de 1979, – ano da unificação do torneio fluminense (ASSAF; MARTINS, 2010) –, a 1990, ano que marca o surgimento da TV fechada no Brasil. Em detrimento da expansão do Campeonato Brasileiro, o Estadual do Rio de Janeiro

passa a ser comprimido no primeiro semestre, no fim da década de 1980 (SILVA NETO, 2019). Os atritos para que fossem comportados todos esses torneios na agenda foram mantidos. Não obstante, o gênero das mesas redondas esportivas seria submetido a modificações que transcenderam a questão da organização do calendário. Outras possibilidades foram abertas pela expansão da TV no Brasil, a partir da criação da infraestrutura para cadeias nacionais, com a capacidade de fazer transmissões ao vivo para várias cidades simultaneamente. Como espaço privilegiado para debate, as mesas redondas esportivas seriam afetadas.

Em transformação: mesas redondas, esporte e televisão na década de 1980

Toque de Bola está circunscrito por novas condições da ordem de distribuição de conteúdos audiovisuais. Embora os televisores já pudessem ser sintonizados em emissoras no ar desde os anos 1950, foi apenas na transição entre as décadas de 1960 e 1970 que a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) inaugurou a rota terrestre que permitiria a emissão de sinais de TV, ao mesmo tempo, para Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010). Antes disso, até existiram estações em várias cidades pelo país, mas não era possível transmitir a mesma programação simultaneamente para diferentes regiões. Foi essa infraestrutura implementada, em sintonia com o projeto autoritário do governo, que viabilizou que, pela primeira vez, um telejornal fosse exibido ao vivo em uma cadeia de tal escala (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010).

Anteriormente, as transmissões esportivas não conseguiam superar as dificuldades impostas por grandes distâncias e as competições entre equipes de estados diferentes eram raras (HELAL, 1997) – mesmo o torneio de futebol Rio-São Paulo, por exemplo, só havia se tornado anual com a década de 1950. Os mecanismos para gravação audiovisual não autorizavam que os conteúdos fossem exibidos em uma margem de tempo pequena (LÉO, 2017). Com o desenvolvimento da televisão no Brasil, novas tecnologias passaram a permitir a participação remota dos comentaristas, por meio do uso dos chamados *links*, capazes de transmitir, a partir de fora do estúdio, material audiovisual em tempo real. De acordo com relatos memorialísticos, foi também na década de 1970 que os clubes começaram a se aproveitar mais, economicamente, da cobertura televisiva, com a cobrança dos direitos de arena (BRAGA, 2013).

Por outro lado, o decênio de 1980 apresentou uma programação na TV mais concatenada com a globalização, com interesse em outras modalidades e competições no exterior. Toledo (2013) identifica que, ao ocupar um grande período nas grades com abordagem multiesportiva e esportes pouco habituais ao público do país, novos programas impuseram outra realidade à TV. A ênfase em mais competições pelo mundo aparecia nas emissoras, já que havia no ambiente esportivo brasileiro, desde o início da década, um crescimento no interesse em âmbito internacional. O gênero das mesas redondas esportivas lidaria da mesma forma com essas nuances. Ao se debruçar sobre o caso da Austrália no fim do século XX, Rowe (1996) indica que a relação entre TV e esporte é simbiótica. Com o aparecimento dessa tecnologia, ambos foram fundamentais para a consolidação das experiências esportiva e televisiva do público, mutuamente. De acordo com o pesquisador, nas últimas décadas, nem mesmo o contexto globalizado foi capaz de dismantelar as ligações da população com os eventos esportivos locais. Na década de 1990, surgiram os canais especializados em esportes no Brasil, deixando esse panorama mais nítido. João Santos (2013) explica que isso mudou a relação entre espectadores e a televisão no Brasil, tornando-a intensa durante 24 horas, sete dias na semana.

A TV Manchete viveu esse momento da televisão brasileira, entre um período com técnicas de distribuição mais rudimentares e o advento dos canais com conteúdo voltado para assinantes. Lançada em 1983 (PAIVA, s. d.), logo em seus primeiros anos, a emissora exibiria *Toque de Bola*³. O programa semanal permitia que fossem recebidos convidados no estúdio⁴, além dos comentaristas que participavam dos debates aos domingos⁵. Foram membros fixos do programa os jornalistas Alberto Léo, Márcio Guedes, João Saldanha e Paulo Stein, sobre quem recaía a responsabilidade de mediar as discussões (SALDANHA..., 21 abr. 2014)⁶. No dia 3 de setembro de 1988, Saldanha não participou. Houve, no entanto, interação com um estúdio em São Paulo, fato que confirma que o gênero convivía com novas condições, proporcionadas por novas técnicas de transmissão.

³ Na coluna de Sandro Moreyra, na página 19 da edição do dia 16 de junho de 1987 do *Jornal do Brasil*, o autor se refere à configuração do programa da Rede Manchete.

⁴ É possível assistir à entrevista do técnico e ex-jogador Zagallo na bancada do *Toque de Bola*, na Rede Manchete, no YouTube, disponível em: <https://bit.ly/2Fdvr7U> (TOQUE DE BOLA, 1990).

⁵ Crítica publicada na página 3 do caderno sobre televisão da edição de 11 de outubro de 1987 do *Jornal do Brasil* enaltece a presença do jornalista João Saldanha, a partir dali na Rede Manchete na bancada do *Toque de Bola*.

⁶ O UOL também tem em seu acervo de vídeos um trecho de *Toque de Bola*, da TV Manchete, exibido durante a década de 1980 e disponível em <http://twixar.me/12S1>.

De São Paulo, participaram da edição de *Toque de Bola* o narrador esportivo Osmar Santos e dois jogadores de futebol convidados: Renatinho, do São Paulo, e Marcelo, do Corinthians. Na época, o locutor apresentava *Osmar Santos Show* na emissora (ESTA SEMANA..., 19 dez. 1987, p. 114). Os três interagiam com Paulo Stein, Márcio Guedes e Alberto Léo, no Rio de Janeiro (ESTA SEMANA..., 9 maio 1987, p. 114). Coube ao apresentador, da capital fluminense, anunciar o início do programa, bem como divulgar resultados da loteria esportiva (TOQUE DE BOLA, 1988a). Stein apresentou, após a breve abertura, o intervalo comercial. Em seguida, foram iniciados os comentários. O principal assunto em pauta seria o início do Brasileirão de 1988.

“Antidemocrático”: o debate do regulamento do Brasileirão de 1988 em *Toque de Bola*

Na edição de 1988 da principal competição de futebol do país, os clubes cariocas assinaram um documento contra o regulamento, imposto pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁷. As mudanças propostas não haviam sido testadas até então. Previam, por exemplo, que as vitórias passariam a valer três pontos na tabela, enquanto os empates exigiriam que a disputa fosse para os pênaltis. Quem vencesse ficaria com dois pontos e os derrotados somariam só um. Isso tornava necessárias adaptações técnicas e táticas das equipes, além de fazer com que as transmissões demorassem mais quando nenhum dos dois times conseguisse vencer no tempo previsto. Antes dos debates, foram exibidos em *Toque de Bola* os videoteipes dos gols da rodada, até daqueles marcados nas cobranças para desempate (Figura 1) (TOQUE DE BOLA, 1988a).

⁷ A edição do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de 1988 foi marcada pela mudança na forma de pontuação e pela obrigação de que jogos empatados fossem definidos por pênaltis. As alterações aconteceram durante a competição (HISTÓRIAS..., 4 set. 2011, não paginado).

Figura 1 - Videoteipe do jogo entre Palmeiras e Santos, exibido em *Toque de Bola* em 3 de setembro de 1988



Fonte: Toque de Bola (1988a).

Paulo Stein introduziu o assunto e destacou que não estavam em discussão apenas as transformações a que a modalidade foi submetida com a decisão da CBF, mas também a própria forma abrupta como as mudanças haviam sido anunciadas (TOQUE DE BOLA, 1988b). O primeiro a comentar a maneira pela qual a competição, com tantas alterações, seria iniciada foi Osmar Santos (1988), direto de São Paulo: “Começa sob um clima não muito agradável, não é uma coisa muito pacífica. Nós tivemos para a formação dos grupos, 20 ou 24, e com a tabela, que não está toda completinha ainda. Quando termina o campeonato? Enfim, o problema dos três pontos é um apêndice” (TOQUE DE BOLA, 1988b).

O comentarista não se opunha às mudanças propostas, que até poderiam contribuir para tornar o torneio mais atrativo, na sua opinião. Apesar disso, houve críticas. “Não concordo com a forma como foi feita. Às vésperas de começar o campeonato, sem discussão com os técnicos, sem discussão com os clubes. Não acho isso muito saudável, muito democrático. Foi como você disse, Paulo Stein, uma imposição da CBF”, reconheceu Osmar Santos (TOQUE DE BOLA, 1988b). Para dar conta da interação entre participantes de duas cidades diferentes, a produção lançava mão de um efeito gráfico. Era inserido um quadro no plano com o apresentador, que projetava a imagem do estúdio de São Paulo. Essa estratégia visual o aproximava dos comentaristas (Figura 2) (TOQUE DE BOLA, 1988b).

Figura 2 - Efeito gráfico para participação de Osmar Santos, exibido em Toque de Bola em 3 de setembro de 1988



Fonte: Toque de Bola (1988b).

Além de expor opiniões, Osmar Santos também, de certa forma, mediava as participações dos convidados em São Paulo. Uma vez que o apresentador estava distante e teria dificuldade de interromper ou conduzir os entrevistados, essa tarefa foi responsabilidade do único membro fixo da mesa redonda no estúdio. Dessa forma, foram introduzidos ao debate Renatinho e Marcelo (TOQUE DE BOLA, 1988b). O primeiro deu destaque às questões esportivas na mudança: “Acho que eu sou favorável. Torcedor vai no campo e quer ver os gols. Se a partida termina empatada, então nada mais justo do que cobrar os pênaltis. Até porque a equipe que perder nos pênaltis fica com o ponto, como se o jogo terminasse empatado.” (TOQUE DE BOLA, 1988b).

Marcelo, em contrapartida, destacou, no princípio de sua observação sobre as medidas da CBF, o modo intempestivo como as alterações foram comunicadas: “Foi muito em cima. Nós mesmo nem sabíamos. O próprio [técnico] Carlos Alberto [só soube] com [o jogo do] Rio, Bahia e América. Então eu acho que é válido porque é uma coisa nova. E para mudar um pouco o futebol brasileiro que está um pouco, assim, desmotivado” (TOQUE DE BOLA, 1988b). A exemplo do que era exibido do Rio de Janeiro, o cenário de São Paulo, diante do qual acontecia a interação entre os participantes, mostrava fotografias de grandes momentos esportivos, não apenas de futebol (Figura 3) (TOQUE DE BOLA, 1988b).

Figura 3 - Osmar Santos e Renatinho no estúdio em São Paulo, exibido em Toque de Bola em 3 de setembro de 1988



Fonte: Toque de Bola (1988c).

Depois das considerações dos participantes em São Paulo, Paulo Stein retomou a palavra. Ao reforçar que não concordava com a forma como o regulamento entrou em vigor nem com as mudanças em si, deixou nítida a sua discordância com Osmar Santos: “Acabamos de ver o término do trabalho se reformulando na sociedade brasileira através de uma Constituinte. Acabando com as imposições, acabando com tudo aquilo que pressionava. E, de repente, vem o futebol, que é a coisa mais popular nossa, com essas pressões” (TOQUE DE BOLA, 1988b). É permitido identificar nesse momento um atravessamento político, porque foram concluídos em 1988 os debates para o texto constitucional, batizado informalmente de Constituição Cidadã⁸.

O texto promulgado, que estabelecia um novo marco constitucional para o país, reuniu esforços de vários setores da sociedade, alguns dos quais representados pelos signatários⁹. A Carta, promulgada em outubro daquele ano, supera elementos autoritários, cujos desdobramentos foram decisivos para a trajetória do gênero televisivo – na década de 1970, uma mesa redonda televisiva, da qual Paulo Stein participava, se tornou alvo de censores: foi cobrada uma multa porque o programa teria veiculado “colocações atentatórias” (SILVA NETO, 2019, p. 55). Reimão (2011) identifica que, no setor da cultura, eram censurados principalmente conteúdos cujas denúncias apontassem para transgressões da moralidade.

⁸ A Constituição Brasileira de 1988 está disponível em: bitly.com/ou6RdJR. Acesso em: 23 jun. 2020.

⁹ A lista completa de componentes da Assembleia Constituinte está disponível em: bitly.com/ou6RdJR. Acesso em: 23 jun. 2020.

Sem a rígida censura, o ambiente para debates que se descortinava se mostrava mais democrático. Apesar do tom crítico, os comentários transparecem aspectos ambíguos da situação do país. A organização do futebol estava em descompasso com o momento geral da sociedade brasileira, ao conduzir a modalidade de maneira autoritária. Após Paulo Stein, os demais comentaristas no Rio de Janeiro se debruçaram sobre o tema. Márcio Guedes se remeteu a nuances da administração esportiva e enalteceu as possíveis consequências esportivas: “Foi a melhor ideia que o [dirigente da entidade] Nabi Abi Chedid teve em toda a sua tumultuadíssima passagem pela CBF. Agora, é evidente e isso também é uma unanimidade, que a maneira que o Nabi escolheu foi equivocada”, pontuou Márcio Guedes (TOQUE DE BOLA, 1988b).

Fez menção ao presidente da confederação em seguida: “Quis impor a sua autoridade. Deu uma de Otávio Pinto Guimarães: fez de qualquer maneira, na chamada calada da noite. No vestiário lá da Bahia, os jogadores nem sabiam que poderiam acontecer os pênaltis, os técnicos não tiveram tempo de armar uma estratégia” (TOQUE DE BOLA, 1988b). Guimarães presidiria a entidade até 1989. Considerava ainda excêntricas as orientações – “Experiências que já foram realizadas foram feitas, inclusive na Itália e na Inglaterra, com o campeonato com contagem direta de pontos. Aqui a gente tem um regulamento maluco.” (TOQUE DE BOLA, 1988b). O temor era a manipulação: “Primeiro turno, os clubes jogam entre si, no segundo é um grupo contra o outro. Já não gosto desse regulamento de pênaltis fazendo um grupo contra o outro. Pode dar margem a mutretas” (TOQUE DE BOLA, 1988b). O enquadramento de câmera privilegiava cada comentarista durante a argumentação (Figura 4).

Figura 4 - Márcio Guedes comenta regulamento da CBF, exibido em *Toque de Bola* em 3 de setembro de 1988



Fonte: Toque de Bola (1988b).

Logo em seguida, Alberto Léo reforçou a forma como as delegações tomaram conhecimento da notícia de que outro regulamento já estava em vigor: “Às sete e quinze da noite de sexta-feira começou o campeonato nacional, com o jogo Vitória e América, em Salvador. Às dez e quinze, quer dizer, depois de o jogo acabar e já quase terminando o primeiro tempo do segundo jogo, sai o regulamento da CBF” (TOQUE DE BOLA, 1988b). Na avaliação do comentarista, o fator mais negativo era a gestão esportiva nesse caso. “Foi enviado um *telex* para a Fonte Nova. O presidente da federação passou o *telex* para o juiz do jogo: ‘Olha, se empatar tem pênalti. É a nova determinação da CBF!’. Realmente, a maneira como a coisa foi colocada foi a pior possível”, ressaltou Alberto Léo (TOQUE DE BOLA, 1988b).

Paulo Stein contra-argumentou que a confederação inviabilizaria até os supostos desdobramentos positivos da inovação. Então, a discussão acerca da lógica da própria televisão se inicia. “Para completar meu raciocínio, o aspecto televisão. Sem a televisão, eu não tenho a menor dúvida que o futebol brasileiro a essa altura estaria amargando um fracasso geral, uma falência. A televisão brasileira tem salvado o futebol nos últimos tempos”, explicou Stein (TOQUE DE BOLA, 1988d). As alterações teriam efeito nas grades de programação e exigiriam mudanças nas emissoras. A alteração repentina tornaria a adaptação mais complexa: “Fórmulas que aparecem de última hora, sem definição, sem calendário... Isso, sim, está deixando o torcedor irritado” (TOQUE DE BOLA, 1988d). Ao concluir, o apresentador comparou transmissões esportivas com outras manifestações da cultura e a realidade dos torcedores ao comportamento dos espectadores: “O espetáculo para a televisão tem uma dinâmica mais ou menos estabelecida em duas horas. Você vai ao cinema, o filme normalmente demora duas horas. Uma vez ou outra o filme vai a três horas, um filme especial. Um espetáculo de teatro leva duas horas.” (TOQUE DE BOLA, 1988d)

Márcio Guedes entrou no debate sobre a programação televisiva e discordou do apresentador. Em um rápido cálculo, percebeu que a duração das partidas não excederia tanto a marca das duas horas: “Se houvesse a prorrogação... Aí, realmente, ia ficar demais. Agora, pênalti você dá um cálculo aí: vamos pôr uma hora de jogo, mais o intervalo [com] quinze, uma e quarenta e cinco. Marca mais quinze minutos, no máximo, para os pênaltis e ponto final” (TOQUE DE BOLA, 1988d). Depois, a discussão voltou para o estúdio em São Paulo. Na

conclusão do debate a respeito do regulamento, a necessidade de diálogo voltou à tona. “A ideia basicamente me parece boa. Detalhes é que precisavam ser conversados antes com os técnicos, os jogadores. Quer dizer, fazer uma grande discussão para implantar isso”, indicou Osmar Santos (TOQUE DE BOLA, 1988d).

O horizonte político brasileiro surgiu mais uma vez, com reafirmação da necessidade de suplantar o autoritarismo em nome dos novos ares democráticos que sopravam no país: “Agora, deve concordar com o seguinte: se fosse fazer uma discussão, não começava o campeonato nessa semana. Não começava para acertar isso. Agora a imposição é que é ruim. Isso ficou ruim mesmo, foi antidemocrático” (TOQUE DE BOLA, 1988d). Para finalizar, Renatinho comentou que os treinos de cobranças de pênalti foram intensificados com a decisão da CBF. Osmar Santos e Paulo Stein fizeram breves considerações finais, enquanto Alberto Léo e Márcio Guedes demonstraram preocupação com o calendário futebolístico nacional. Existia risco de “encavalamento” de datas entre a competição nacional e os torneios estaduais. O apresentador chamou o intervalo e, no bloco seguinte, os comentários passariam a se concentrar em aspectos técnicos e táticos (TOQUE DE BOLA, 1988c).

Sobem os créditos: conclusões sobre o gênero televisivo das mesas redondas esportivas

Mudanças impostas pela CBF, como a cobrança de pênaltis para decidir partidas que terminassem empatadas, foram derrubadas, embora o calendário brasileiro e a fórmula para disputa do Campeonato Brasileiro tenham continuado a ser discutidos por dirigentes de federações, comentaristas esportivos e pela comunidade esportiva em geral ainda no século XXI¹⁰. O exame da edição de *Toque de Bola* permite uma leitura sobre o contexto em que o programa veio a público. Essa análise possibilita conclusões em duas frentes. Em primeiro lugar, sobre a relação entre o programa e o panorama político-partidário que lhe era contemporâneo. Em segundo, sobre a relevância da TV na mediação do fenômeno esportivo.

A despeito de os comentaristas divergirem, o debate transparece que a imposição de um novo regulamento para o Campeonato Brasileiro, sem um diálogo com os clubes envolvidos, não estava em sintonia com o ambiente político do país. Depreende-se, assim, que havia um otimismo com o horizonte aberto pela Constituição Cidadã. A classificação da conduta da

¹⁰ O modelo da competição, atualmente, prevê turno e retorno com pontos corridos (CONFIRA..., 2019).

entidade esportiva responsável pela modalidade como antidemocrática reitera a oposição entre a organização da competição e o diálogo promovido pelas atividades da Assembleia Constituinte que, em Brasília, deliberava sobre o novo marco legal para o país. A esperança de que outros momentos de liberdade viriam para o Brasil recaía até sobre a organização futebolística, com os anseios de que os arroubos autoritários fossem suplantados.

Houve uma metadiscussão sobre a própria televisão. Ao comentarem acerca do impacto que o novo regulamento teria para a grade de programação, os participantes tornaram nítida a relevância do *media* para a experiência esportiva. Um dos argumentos contrários ao regulamento expunha que o conjunto de transformações exigiria mudanças nos procedimentos internos na TV, o que, de acordo com os comentários, seria algo negativo. Ao longo da segunda metade do século XX, a tecnologia televisiva se estabeleceu como a principal forma de mediação para os esportes no Brasil, e os comentários esportivos tiveram uma função relevante.

Com o surgimento dos pacotes para assinantes no país, a simbiose entre futebol e televisão seria mais intensa. Entretanto, a condição de espaço privilegiado para debate da vida social do gênero televisivo das mesas redondas esportivas, nos dois casos, continuaria a ser evidente. Tanto quando são abordados os aspectos políticos que atravessam o universo futebolístico quanto no momento que o assunto a ser debatido é a televisão. Uma compreensão mais ampla sobre a cobertura da Assembleia Constituinte, principalmente no gênero, requer mais esforços. Longe de esgotar o tema, este artigo teve como objetivo ampliar o conhecimento a respeito das interações entre a televisão, o esporte e a cobertura especializada com a política.

Referências

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. **História dos campeonatos cariocas de futebol: 1906/2010**. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2010.

BOYLE, Raymond. **Sports journalism: contexts and issues**. Londres: Sage Publications, 2006.

BRAGA, Márcio. **Coração rubro-negro**. Rio de Janeiro, Ponteio, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: bityli.com/ou6RdJR. Acesso em: 1 jan. 2017.

BRO, Peter. License to comment. **Journalism Studies**, Londres, v. 13, n. 3, p. 433-446, 2012.

CONFIRA os documentos técnicos do Brasileiro Série A de 2019. Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: bitly.com/5o9Df23. Acesso em: 23 jun. 2020.

ECO, Umberto. A falação esportiva. *In*: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984a. p. 220-226.

ECO, Umberto. O mundial e suas pompas. *In*: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984b. p. 227-233.

ESTA SEMANA na Rede Manchete. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, p. 114, 9 maio 1987.

ESTA SEMANA na Rede Manchete. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, p. 115, 19 dez. 1987.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HISTÓRIAS do Brasileirão: CBF estipula a Lei dos Pênaltis no Nacional de 1988. **Globoesporte.com**, 4 set. 2011. Disponível em: twixar.me/H6S1. Acesso em: 23 jun. 2020.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. Mesas-redondas: da falação esportiva ao futebol falado. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque et alli. **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 120-147.

LÉO, Alberto. **História do jornalismo esportivo na TV brasileira**. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2017.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MCCARGO, Duncan. Partisan polyvalence: characterizing the political role of Asian Media. *In*: HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems beyond the western world**. Nova York: Cambridge University Press, 2012. p. 201-223.

MITTEL, Jason. **Genre and television – from cop shows to cartoons in american culture**. Nova York, Londres: Routledge, 2004.

MOREYRA, Sandro. Coluna do Sandro Moreyra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 19, 16 jun. 1987.

OSTROVSKY, Ingo. Esporte pouco espetacular. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 out. 1987, Caderno de TV, p. 3.

PAIVA, Marcia. **Rede Manchete**. CPDOC/FGV. [S.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/2SS63Y2>. Acesso em: 23 jun. 2020.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência** – censura a livros na Ditadura Militar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão brasileira**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109-135.

ROWE, David. The global love match: sport and television. **Media, Culture & Society**, Londres, v. 18, p. 565-582, 1996.

SALDANHA, Márcio Guedes e Paulo Stein em mesa redonda. 1 vídeo (2 min. 6 seg.). Publicado por TV UOL, 21 abr. 2014. Disponível em: [twixar.me/12S1](https://www.youtube.com/watch?v=twixar.me/12S1). Acesso em: 23 jun. 2020.

SANTOS, Daniel Araújo dos. **Futebol e política**: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. 2012. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos. Televisão paga e as 24 horas do mundo esportivo. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **Olho no lance**: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 148-167.

SILVA NETO, Helcio Herbert. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E COTIDIANO, 7., 2018, Niterói. **Anais [...]**, Niterói, p. 532-541, 2018.

SILVA NETO, Helcio Herbert. **Programas esportivos de mesa redonda**: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SILVA NETO, Helcio Herbert. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, História e Genealogia: Uma discussão sobre o conceito de gênero. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2019.2, p. 19-36, 2020b.

SILVA NETO, Helcio Herbert. Neymar Challenge: Mesas Redondas Esportivas na TV sob Desafio. **Revista GEMInIS**, São Carlos, v. 10, n. 3, p. 55-76, 2020a.



TOLEDO, Luiz Henrique de. O espetáculo de um show: experiência multiesportiva na televisão brasileira. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **Olho no lance**: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 99-119.

TOQUE DE BOLA. Rede Manchete. 1990. 1 vídeo (7 min. 1 seg.). Publicado pelo canal REDEMANCHETE2009, 27 fev. 2010. Disponível em: bit.ly/2Fdvr7U. Acesso em: 23 jun. 2020.

TOQUE DE BOLA. TV Manchete. Parte 02. 3 set.1988a. 1 vídeo (13 min. 11 seg.). Publicado pelo canal Flavio Renan, 16 fev. 2014. Disponível em: youtu.be/s1ryf04rIIs. Acesso em: 23 jun. 2020.

TOQUE DE BOLA. TV Manchete. Parte 03. 3 set.1988b. 1 vídeo (9 min. 26 seg.). Publicado pelo canal Flavio Renan, 17 fev. 2014. Disponível em: youtu.be/FDmAKTuaVx8. Acesso em: 23 jun. 2020.

TOQUE DE BOLA. TV Manchete. Parte 05. 3 set.1988c. 1 vídeo (13 min. 50 seg.). Publicado pelo canal Flavio Renan, 16 fev. 2014. Disponível em: youtu.be/o94dVAEE2lk. Acesso em: 23 jun. 2020.

TOQUE DE BOLA. TV Manchete. Parte 04. 3 set.1988d. 1 vídeo (13 min. 27 seg.). Publicado pelo canal Flavio Renan, 16 fev. 2014. Disponível em: youtu.be/4P-Fyqfxb24. Acesso em: 23 jun. 2020.

WHANNEL, Gary. **Fields in vision – television sport and cultural transformation**. Nova York: Routledge, 1995.

Submetido em: 26.06.2020

Aprovado em: 15.12.2021

